ISSN: 2358-8829

O DISCURSO NEOCONSERVADOR E A VIOLÊNCIA LGBTFÓBICA CONTRA PROFESSORES(AS) EM TEMPOS DE GOVERNO NEOLIBERAL

Maria Edilene Araújo Silva [1]
Larissa Hayannyelly Costa Batista [2]
Mirna Araújo Duarte [3]

INTRODUÇÃO

Sexualidade é um tema em crescente estudo e debate na sociedade contemporânea, seja no âmbito político, midiático ou educacional. Porém, abordar questões que tratam sobre sexualidade sempre foi e ainda é deveras complexo, principalmente quando o assunto em foco é a diversidade sexual. A ideologia heteronormativa imposta e disseminada pelos princípios neoliberais e neoconservadores entrava os diálogos acerca dessa temática, pois determina a heterossexualidade como padrão natural e único a ser vivenciado.

Nessa perspectiva, a heteronormatividade provoca enfrentamentos e dificuldades para os sujeitos que não se enquadram no padrão proposto como "natural" ou "normal". De acordo com Silva (2023), diariamente a população LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queers, Intersexuais, Assexuais e + todas as diversas possibilidades de orientação sexual ou diversidade de gênero) sofre preconceitos em virtude de discursos ideológicos neoliberais e neoconservadores, vindos de políticos, de religiosos, da mídia e outras figuras públicas que estereotipam e retratam as pessoas LGBTQIA+ sempre de maneira promíscua, rebelde e afrontosa à moral e aos bons costumes cristãos das famílias.

A lógica combinada do neoliberalismo e do neoconservadorismo busca nas concepções morais e religiosas fundamentos para consolidar um debate sobre gênero e sexualidade contrário às pautas ligadas à população LGBTQIA+. Nos Estados Unidos da América, por exemplo, o atual governo tem retirado direitos e encerrado programas que atendem à comunidade LGBTQIA+, utilizando como justificativa o ideário heteronormativo e o enfrentamento contra a "ideologia de gênero". Movimentos dessa natureza podem ser observados em diversas partes do mundo, inclusive no Brasil, onde se percebe um crescimento

[1]Mestra em Educação e Ensino pela Universidade Estadual do Ceará - CE, edilenearaujo.ef@gmail.com;
[2]Mestra em Educação Culturas e Identidades pela Universidade Federal Rural de Pernambuco - PE, larissa-h.2@outlook.com;
[3]Licenciada pelo Curso de Educação Física da Universidade Regional do Cariri - CE, admirna@hotmail.com;

ISSN: 2358-8829

na disseminação de discursos de ódio vindos da extrema-direita, que buscam gerar pânico moral na sociedade, com o claro propósito de preservar a heteronormatividade (Da Silva Oliveira e Miranda, 2025).

A LGBTfobia se manifesta por meio de diversas formas de violência. Ela pode ser percebida em agressões físicas, como empurrões, tapas, socos, espancamentos e lesões com objetos. Assim como "nos insultos, nas piadas, nas representações caricaturais e na linguagem cotidiana", que desqualificam e caracterizam essa população como anormais (Borrillo, 2010). Nesse contexto, a violência LGBTfóbica pode ocorrer de maneira simbólica, institucionalizada ou estrutural, evidenciando-se no silenciamento de pessoas LGBTQIA+, nas barreiras para acesso a empregos, promoções e estabilidade profissional e na falta de políticas públicas específicas voltadas à saúde, segurança e educação.

Essa forma de violência configura-se como um dispositivo de controle heteronormativo, estrutura que depende de mecanismos disciplinares para submeter corpos e identidades. Sob essa perspectiva, a LGBTfobia opera como uma ferramenta fortalecida por discursos que prescrevem modos "corretos" de ser e agir. Amparados por uma lógica neoconservadora e sob a justificativa de preservar o modelo de "família tradicional", esses discursos invalidam existências que escapam à norma, rotulando-as como desviantes (Torres; Pedroso, 2020).

Longe de ser um território neutro, a escola tornou-se um campo de interesse central para as racionalidades neoliberal e neoconservadora. Esses projetos buscam, no ambiente educativo, reproduzir ideários que sustentam sua ascensão e manutenção, infiltrando-se nas subjetividades e operando uma vigilância constante sobre os corpos. Esta dinâmica reforça diversas formas de discriminação e preconceito. Mendes e Medeiros (2021) ressaltam que a escola se estabeleceu como uma instituição caracterizada pela reprodução das relações sociais capitalistas. Consequentemente, ela sofre influência direta dos ideários neoliberais e neoconservadores, que buscam desmantelar a ciência, a formação de valores democráticos e a reflexão crítica, em favor de seus projetos de controle ideológico e mercantilização.

A escola é, naturalmente, um espaço de reprodução de pensamentos e ações fundamentadas na sociedade, sendo a violência LGBTfóbica uma manifestação integrante dessa dinâmica. O ambiente educacional "é um lugar de legitimação das relações de poder, construção de hierarquias e de reprodução da heteronormatividade" (Santos e Lage, p.101, 2018). Em decorrência disso, professores e professoras LGBTQIA+, ao romperem com o modelo de gênero-sexualidade imposto socialmente, podem se tornar invisibilizados e violados cotidianamente no ambiente escolar.

ISSN: 2358-8829

Embora as discussões sobre gênero e sexualidade tenham avançado na última década, percebe-se que o debate muitas vezes ocorre em categorias genéricas, ignorando as especificidades das opressões vivenciadas pela população LGBTQIA+. Diante disso, esta pesquisa busca responder à seguinte questão: como a ascensão do neoconservadorismo articula e intensifica os mecanismos de violência e discriminação contra docentes LGBTQIA+ no cotidiano escolar?

Esta investigação justifica-se pela necessidade de debater sobre a violência LGBTfóbica vivenciada por docentes no ambiente escolar. A relevância do estudo reside na análise de como a convergência entre neoliberalismo e neoconservadorismo afeta a integridade, a segurança e a permanência de docentes LGBTQIA+ na educação. Ao transformar a análise teórica em ferramenta crítica, o estudo visa ampliar o conhecimento acadêmico e social sobre as estruturas que sustentam o preconceito, fomentando reflexões na comunidade escolar e buscando propostas educacionais voltadas ao enfrentamento da LGBTfobia no espaço educativo.

Este estudo tem como objetivo geral analisar de que maneira a ascensão e a articulação do neoconservadorismo intensificam os mecanismos de violência e discriminação contra docentes LGBTQIA+ no cotidiano escolar. Para isso, definiram-se como objetivos específicos: desvelar como a intersecção entre as lógicas neoliberal e neoconservadora moldam os discursos normativos sobre gênero e sexualidade no ambiente educativo; identificar como essa confluência constrói narrativas de estigmatização da comunidade LGBTQIA+ e tensiona o trabalho pedagógico; e, por fim, discutir as implicações práticas da LGBTfobia e seus impactos no exercício da docência, propondo recomendações para a construção de um ambiente de trabalho inclusivo.

Para fundamentar este estudo e aprofundar a compreensão sobre a temática proposta, foram utilizadas bases teóricas como teses, dissertações, artigos científicos e livros, que abordam de forma pertinente os eixos centrais da pesquisa: as políticas e ações convergentes do neoliberalismo e neoconservadorismo, a estrutura da violência LGBTfóbica no espaço educacional e a articulação desses fenômenos no trabalho de docentes LGBTQIA+. Esse embasamento permitirá analisar a violência LGBTfóbica no ambiente escolar não como um evento isolado, mas como uma manifestação direta das disputas ideológicas que atravessam a escola.

ISSN: 2358-8829

METODOLOGIA

Adotou-se como metodologia a ser desenvolvida nesse estudo a revisão bibliográfica narrativa, compreendendo o levantamento e a análise de livros, teses, dissertações e artigos publicados em língua portuguesa entre 2015 e 2025. A escolha fundamenta-se na natureza da pesquisa qualitativa, que exige uma interpretação ampla e contextualizada dos discursos sobre a temática estudada. Assim, o método transcende a compilação de dados, permitindo a construção de um panorama teórico que subsidia a atualização do conhecimento e o debate crítico sobre o objeto.

Nesta perspectiva, a revisão bibliográfica narrativa permite estabelecer relações com estudos realizados anteriormente; identificar temáticas recorrentes; apontar novas perspectivas para uma área de conhecimento; evidenciar novas ideias e métodos e destacar temas que têm recebido mais ou menos atenção nas discussões acadêmicas e sociais (Vosgerau; Romanowski, 2014). A escolha deste método deu-se porque, além de ser um dos mais utilizados em estudos bibliográficos, é bastante útil para os debates acerca da educação, devido à construção e sistematização das informações, possibilitando aos leitores adquirir e/ou atualizar seu conhecimento sobre uma temática específica em curto espaço de tempo (Flor *et al.*, 2021).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O neoconservadorismo contemporâneo configura-se como uma reatualização do pensamento conservador tradicional, cuja ascensão serviu de resposta à crise do capitalismo na década de 1970 e às transformações sociais dos anos 1960, marcadas pelos movimentos de direitos civis, pela contracultura e pelo liberalismo social. Este grupo integra a chamada Nova Direita, uma aliança estratégica composta por neoliberais, populistas autoritários e a nova classe média profissional. Enquanto os neoliberais priorizam a lógica de mercado, os neoconservadores idealizam os valores do passado como superiores, empenhando-se na preservação de tradições culturais que defendem a família tradicional, a moralidade cristã e papéis rígidos de gênero como pilares da estabilidade social (Brow, 2021).

O neoconservadorismo atua em simbiose com o neoliberalismo, forjando uma "modernização conservadora". Nela, o Estado é reduzido em sua função social, mas ampliado em seu poder regulatório sobre a moral e a conduta individual. Enquanto a racionalidade neoliberal impõe o modelo empresarial e o empreendedorismo de si, o neoconservadorismo

resguarda a família tradicional e a moralidade cristã. Como consequência, essa coalizão promove, sistematicamente, a desdemocratização do Estado.

Essa articulação política promove um resgate estratégico do ideário de família tradicional, não apenas como um valor moral, mas como base para a restauração da ordem e a suposta solução de problemas sociais. Essa investida ideológica "coloca no centro de suas discussões as concepções morais e religiosas sobre o gênero e a sexualidade contra os direitos reprodutivos, sexuais e da cidadania LGBTQIA+ em prol da retomada dos valores tradicionais" (Da Silva Oliveira; Miranda, 2025, p. 03). Como resultado, as lutas históricas e as conquistas consolidadas pela população LGBTQIA+ são colocadas em risco, fragilizando essa comunidade e tornando-a ainda mais suscetível aos discursos de ódio e às manifestações de violência (Xavier *et al.*, 2023).

As tentativas de proibição do que se denomina "ideologia de gênero" refletem o ideário neoconservador que busca vedar terminologias de gênero e ensino da diversidade sexual na escola, instituindo mecanismos de vigilância e buscando impossibilitar juridicamente qualquer prática pedagógica que tensione a moralidade tradicional. A eficiência dessa estratégia reside na forma como o medo administrativo é mobilizado para alcançar a conformidade ideológica. Sob a ameaça constante desses dispositivos, instala-se no cotidiano educacional um clima de vigilância, no qual a pluralidade é entendida como um erro de percurso e a diversidade como uma ameaça à ordem produtiva e moral (Penna, 2018).

Sobre essa questão, Butler (2018) ressalta a necessidade de romper com todas as formas de opressão da subjetividade e com os discursos que marginalizam indivíduos, rotulando-os como inadequados a determinadas atividades sob uma ótica binária, imposta como padrão para as relações sociais. Em sentido oposto, a escola, em vez de combater o preconceito, acaba por atuar como um agente de reprodução ideológica que legitima a hostilidade contra a diversidade sexual e de gênero (Oliveira; Nóbrega, 2025). Essa distorção ocorre porque, ao absorver dinâmicas sociais macroestruturais, a instituição internaliza a convergência entre o neoliberalismo e o neoconservadorismo, falhando na proteção da comunidade escolar não heteronormativa.

Sob a lógica neoconservadora, a violência contra a diversidade encontra terreno fértil no espaço escolar, amparada por uma moralidade tradicional que agrava a vulnerabilidade de grupos marginalizados. Nesse cenário, professores e professoras LGBTQIA+ tornam-se alvos de formas de discriminação advindas da LGBTfobia. Além disso, a invisibilidade a que estão submetidas lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais comporta a sua exclusão, enquanto

ISSN: 2358-8829

tais, do espaço público e, por isso, configura-se como uma das mais esmagadoras formas de opressão.

O fenômeno da invisibilidade encontra eco na estrutura escolar contemporânea, transformando-a em um palco de disputas normativas. Nesse contexto, Bonin, Liebgott e Weiss (2020) reforçam que a escola permanece como um espaço reprodutor da LGBTfobia ao invisibilizar a sexualidade que diverge da heteronormatividade compulsória. Ao fazer isso, a instituição não apenas ignora essas identidades, mas colabora para o silenciamento e o monitoramento de corpos dissidentes, o que reforça as barreiras para sua existência.

Embora o discurso oficial apresente a escola como um território de acolhimento e pluralidade, a prática cotidiana revela mecanismos de exclusão consolidados que operam de forma quase invisível. Andrade e Souza (2023) ressaltam que a instituição ainda naturaliza condutas de repressão e silenciamento contra quem não se enquadra na heteronormatividade, transformando o espaço educativo em um local de vigilância constante. Essa violência estrutural não distingue níveis hierárquicos, afetando de maneira similar toda a comunidade escolar. Sob essa ótica, a escola atua como uma engrenagem de ordenação que privilegia a identidade do homem branco e heterossexual, conferindo-lhe um prestígio diferenciado que aprofunda as desigualdades de gênero e raça dentro do ambiente educativo (Louro, 2011).

O prestígio diferenciado conferido ao padrão heteronormativo não apenas marginaliza docentes LGBTQIA+, mas coloca o seu exercício profissional sob um regime de constante desconfiança. Nesse cenário, quando educadores não heteronormativos abordam temas como gênero e sexualidade, sua prática atrai frequentemente a suspeita de “doutrinação”. Essa percepção é agravada pelo atual contexto político neoconservador, no qual a vigilância sobre a atuação docente em sala de aula foi intensificada, transformando o ato pedagógico em um campo de batalha ideológico e pessoal (Bonin, Liebgott e Weiss, 2020).

No contexto de uma sociedade neoconservadora, a violência LGBTfóbica se manifesta por intermédio de inúmeras facetas, ocorrendo em diversos lugares: no círculo familiar, no trabalho, nos espaços públicos, no ambiente virtual, ou ainda como um fenômeno macro, que envolve relações sociais e econômicas para manutenção da lógica de desigualdades sociais, pobreza, discriminação e hostilidade em uma escala ampla e estrutural. Nessa perspectiva, as formas de macroviolência afetam grupos sociais e grande parte da população por meio de repressões políticas, discriminação em massa, exploração da classe trabalhadora e fetichização das relações sociais (Fernandes e Lourenço, 2023).

As manifestações de macroviolências estão estruturalmente conectadas com os ideários neoconservadores, cuja finalidade é esvaziar as pautas sociais e a capacidade de atuação política

ISSN: 2358-8829

das minorias. Essa estratégia se manifesta por meio de fatos como: a retirada sistemática de direitos, a propagação de pânico moral em torno das discussões de gênero e sexualidade, e a incitação do ressentimento social (Brown, 2019). Essas ações também estão intrínsecas na lógica de governança neoliberal, objetivando transformar pessoas em sujeitos frágeis, isolados e desprotegidos frente a um sistema que substitui a solidariedade e a equidade por um falso ideal de liberdade individual e de mercado.

No contexto de tensões sociais, as formas de macroviolência coexistem com as microviolências. Embora sejam frequentemente menos visíveis, elas acarretam danos profundos aos indivíduos e reforçam a lógica da exclusão. No geral, as microviolências podem ser compreendidas como interações hostis, depreciativas ou negativas direcionadas a indivíduos pertencentes a um grupo oprimido. Essas manifestações podem ocorrer de maneira intencional ou até mesmo não intencional, apresentando-se em formatos verbais, comportamentais ou ambientais (Silva e Silva e Viecili, 2022).

Portanto, a LGBTfobia pode ser experienciada tanto em contextos de macroviolência quanto de microviolência, visto que ela cria e reproduz, em articulação com condutas e dispositivos ideológicos institucionais, um sistema de diferenças para justificar a exclusão e dominação de um indivíduo sobre outro. Além disso, revela-se por meio de piadas, comentários negativos, humilhações, ameaças, intimidação, marginalização e exclusão. Realizando-se de maneira direta ou sutil, sua intenção é sempre a mesma: deslegitimar e ridicularizar a existência de pessoas não heteronormativas, buscando anular suas identidades e atacar sua dignidade (Prado e Junqueira, 2011).

Nessa perspectiva, a violência LGBTfóbica pode ser entendida como multifacetada, ocorrendo de diversas formas e em todas as classes e ambientes sociais, inclusive na escola, já que esta “não consegue impedir que a violência se manifeste em seu interior, pois ela interage em todos os sentidos com a sociedade e acaba por absorver também os fenômenos que se alastram em outras esferas sociais” (Soares e Machado, 2013, p.1). A LGBTfobia encontra no ambiente escolar as condições ideais para sua concepção e manutenção. Nesse espaço, ela opera como um reforço eficaz da ideologia heteronormativa, sendo potencializada pelos ideários neoconservadores que fomentam visões excludentes, a discriminação e o preconceito, frequentemente mascarados sob a justificativa de “valores tradicionais” e da “moral familiar”.

Destarte, a escola, ao invés de combater o preconceito, se torna um agente de reprodução ideológica que legitima a hostilidade contra a diversidade sexual e de gênero (Oliveira e Nobrega, 2025). Essa distorção ocorre porque, ao absorver as dinâmicas sociais mais amplas, a escola internaliza a lógica convergente entre o neoliberalismo e o neoconservadorismo,

fracassando em proteger a comunidade escolar não heteronormativa. Consequentemente, ela não só falha em desmantelar a violência LGBTfóbica, mas atua como um *lócus* de validação para discursos e práticas excludentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na análise bibliográfica realizada, conclui-se que a confluência das racionalidades neoliberal e neoconservadora opera como um poderoso dispositivo de controle e disciplinarização dos corpos no espaço educativo. Sob o pretexto da preservação da "família tradicional" e do combate à dita "ideologia de gênero", mobilizam-se pânicos morais e mecanismos de vigilância constante que naturalizam condutas de repressão, silenciamento e deslegitimação das existências e práticas pedagógicas não heteronormativas.

Nesse contexto, a violência LGBTfóbica na escola manifesta-se sob múltiplas dimensões, transformando o ato de ensinar em um campo de permanente desconfiança e hostilidade. Em vez de consolidar-se como um espaço plural e democrático, a escola acaba por absorver e reatualizar estruturas discriminatórias da sociedade ampla, comprometendo a integridade física, psíquica e profissional de docentes LGBTQIA+.

Para além do diagnóstico crítico, sobressai a necessidade de fortalecer e implementar políticas públicas educacionais e diretrizes institucionais que protejam a diversidade de gênero e sexualidade no espaço escolar. É indispensável assegurar garantias formais e materiais para o exercício livre da docência, fomentando ambientes de trabalho acolhedores, inclusivos e pautados pelos direitos humanos e pelo debate crítico, indispensáveis à consolidação de uma educação democrática.

Palavras-chave: Neoconservadorismo; Violência LGBTfóbica; Escola; Professores(as) LGBTQIA+.

REFERÊNCIAS

BONIN LIEBGOTT, Camila; WEISS, Raquel. Marcas de uma Cultura Lesbofóbica em Narrativas de Docentes Lésbicas. **Diversidade e Educação,** [S. l.], v. 8, n. 1, p. 284–310, 2020. DOI: 10.14295/de.v8i1.11398. Disponível em: https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/11398 . Acesso em: 15 abr. 2026.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia:** história e crítica de um preconceito. São Paulo: Autêntica, 2010.

BROWN, Wendy. **O Frankenstein do neoliberalismo:** liberdade autoritária nas democracias do século XXI. In: ALBINO, Chiara; OLIVEIRA, Jainara; MELO, Mariana (orgs.). Neoliberalismo, neoconservadorismo e crise em tempos sombrios. Recife: Editora Seriguela, p. 91-150. 2021.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero:** Feminismo e Subversão da Identidade. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2018.

DA SILVA OLIVEIRA, Victor Hugo Barbosa; MIRANDA, Marcelo Henrique Gonçalves de. Gêneros, Sexualidades e Território Escolar: mapeando produções de conhecimento em contextos neoliberais e neoconservadores na Educação. **Communitas**, Rio Branco, v. 9, n. 21, p. e8396, 2025. DOI: 10.29327/268346.9.21-8. Disponível em: https://periodicos.ufac.br/index.php/COMMUNITAS/article/view/8396 . Acesso em: 11 abr. 2025.

FERNANDES, Camilla. LOURENÇO, Mariane Lemos. Lugar de Mulher é… na Política: Reflexões sobre Micro e Macroagressões de Identidades. RAC - **Revista de Administração Contemporânea.** 2023, 27(5), 1-18. ISSN: 1415-6555. DOI: http://doi.org/10.1590/1982-7849rac2023220252.por . Acessada em: 22 jun. 2025.

FLOR, Tainá de Oliveira; GONÇALVES, Antônio José da Silva; VINHOLI JÚNIOR, Airton José; TRAJANO, Valéria da Silva. Revisões de literatura como métodos de pesquisa: aproximações e divergências. VI CONAPESC – CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISA E ENSINO EM CIÊNCIAS, CAMPINA GRANDE, PB: Realize, 2021. **Anais [...].** Campina Grande, PB, 2021. Disponível em: https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/76913 . Acesso em: 17 ago. 2025.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

MENDES, José Ernandi; MEDEIROS, Emerson Augusto de. La escuela en el neoliberalismo y su lucha política para (re)existir y resignificarse. **PARADIGMA**, Maracay, v. 42, n. 3, p. 01–19, 2021. DOI: 10.37618/PARADIGMA.1011-2251.2021. p. 01-19. id1119. Disponível em: https://revistaparadigma.com.br/index.php/paradigma/article/view/1119 . Acessado em: 08 de out. 2025.

OLIVEIRA, K. da S.; NÓBREGA, P. R. da C. "Resistir para existir": conservadorismo, gênero e sexualidade no contexto educacional. **Educ. Form.,** [S. l.], v. 10, p. e14015, 2025. DOI: 10.25053/redufor.v10.e14015. Disponível em: https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/14015 . Acesso em: 15 out. 2025.

PENNA, Fernando de Araujo. O discurso reacionário de defesa do projeto “Escola sem Partido”: analisando o caráter antipolítico e antidemocrático. Quaestio - **Revista de Estudos em Educação,** Sorocaba, SP, v. 20, n. 3, 2018. DOI: 10.22483/2177-5796.2018v20n3p567-581. Disponível em: https://periodicos.uniso.br/quaestio/article/view/3240 Acesso em: 13 abr. 2026.

PRADO, Marco Aurélio Máximo. JUNQUEIRA, Rogerio Diniz. **Homofobia, hierarquização e humilhação social**. In: VENTURI, G.; BOKANY, V. (Org.). Diversidade sexual e homofobia no Brasil. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011, p. 51-71.

SANTOS, Émerson Silva; LAGE, Allene Carvalho. LGBTfobia na escola: implicações da gestão escolar. **Revista Fórum Identidades**, Itabaiana-SE, 2018. Disponível em: https://periodicos.ufs.br/forumidentidades/article/view/9176 . Acesso em: 31 mar. 2025.

SILVA, Barbara Helena da Silva e. VIECILI, Juliana. Características do comportamento de microagressão contra pessoas trans em ambientes de trabalho. **Perspectivas em Análise do Comportamento**, 13(1), 271–288. 2022. https://doi.org/10.18761/VEEM.0078.out2 . Acessado em: 07 mai. 2025.

SOARES, Michelle Beltrão. MACHADO, Laêda Bezerra. Violência contra o professor: sentidos compartilhados e práticas docentes frente ao fenômeno. **In Anais AMPED**, 2013. Disponivel em: https://legado.anped.org.br/sites/default/files/gt20_3139_texto.pdf . Acessado em: 08 abr. 2025.

TORRES, Marcos Antônio. PEDROSO, Amanda. O reconhecimento de existências lésbicas e a lesbofobia no ensino superior. **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v. 26 (2020), p. 3-18. Disponível em: https://doi.org/10.26512/lc.v26.2020.32636 . Acessado em: 05 abr. 2026

VOSGERAU, Dilmeire Sant'Anna Ramos; ROMANOWSKI, Joana Paulin. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. **Rev. Diálogo Educ**., Curitiba, v. 14, n. 41, p. 165-189, 2014. Disponível em: https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/2317 . Acesso em: 08 jan. 2024.

XAVIER, Ana Clara Escórcio, et al. As políticas LGBTI+ sob fogo cruzado: ascensão do conservadorismo brasileiro e a política da anti[diversidade]. In: XI Jornada Internacional de Políticas Públicas, 2023, São Luís. Anais... São Luís: UFMA, 2023. Disponivel em: https://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2023/upload/anais/trabalho_submissaoId_3441_34416498945914007.pdf?035205 Acessado em: 08 abr. 2026.